



# AS REPRESENTAÇÕES DA REPÚBLICA VELHA NA CULTURA POPULAR E NO LIVRO DIDÁTICO

Kalhil Gibran Melo de Lucena<sup>1</sup>  
Maria Ângela de Faria Grillo<sup>2</sup>

## RESUMO

Fazer uma reflexão da República Velha, *República da Espada e República Oligárquica*, partindo da relevante relação entre a Literatura de Cordel e a História, nos faz despertar um olhar interessante acerca do contexto histórico que cercava as primeiras décadas da República brasileira. Ao trabalharmos com esse tema, podemos proporcionar subsídios para o aluno problematizar essa questão que perdura até nossos dias, e analisar como se construiu esse evento histórico a partir de outra perspectiva, a do Cordel, que nos afasta daquela História tradicional dos acontecimentos. Entrementes, compreendemos que o Cordel, através de sua narrativa, conta os acontecimentos de um dado período e de um dado lugar, se transformando em memória, documento e registro da História brasileira. Dentro desse enfoque, o presente trabalho se propõe a investigar como se procedeu o nascimento de nossa Primeira República, entre os anos de 1889 a 1930. Em suma, a proposta deste trabalho é fomentar reflexões e problematizações acerca das representações da Primeira República na cultura popular e no livro didático.

**Palavras-chave:** República Velha, ensino de história, literatura de cordel.

## ABSTRACT

Making a reflection of the Old Republic, Republic of the Sword and Oligarchic Republic, from the relevant relationship between Literature and History of Cordel, awakening us an interesting look about the historical context that surrounded the early decades of the Brazilian Republic. By working with this theme, we provide subsidies to the student discuss this issue that remains to this day, and examine how they built this historic event from another perspective, the Cord, which takes us away from that traditional history of events. Meanwhile, we understand that the Line, through his narrative account of events in a given period and a given place, turning into memory, document and record in Brazilian history. Under this approach, this study aims to investigate how to carry the birth of the First Republic, between the years 1889 to 1930. In short, the purpose of this study is to further reflections and concerns about the representations of the First Republic in popular culture and the textbook.

**Keywords:** Old Republic, teaching history, string literature.

---

<sup>1</sup> Primeiro autor é estudante de graduação do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE. kakogibinha@yahoo.com.br – A presente pesquisa é financiada pelo CNPQ – PIBIC/UFRPE.

<sup>2</sup> Segundo Autor é Professora Doutora, Adjunta do Departamento de História, Universidade Federal Rural de Pernambuco. E-mail: lagrillo@msn.com



A História atualmente nos possibilita uma visão de mundo muito relevante, que exige estudos, reflexões e até mesmo abstração. Investigar o processo histórico faz sentido para ajudar a compreender o presente e a levantar-se questionamentos acerca da construção de valores. Diante desse contexto, podemos afirmar que a História hoje não se alicerça num passado pronto e acabado, numa verdade absoluta ou numa história blocada caracterizada com o discurso dos vencedores ou dos grandes homens e heróis. Em artigo publicado na ANPUH nacional, o pesquisador e doutor Durval Muniz de Albuquerque Júnior é extremamente habilidoso com as palavras quando nos diz que por mais que o historiador se precipite na direção do tempo presente, irá sempre se defrontar com o evento já acontecido, “encontrará o leite derramado”:

Quando chega, a mácula já ocorreu, o tempo já se escoou, a ebulição dos fatos já se espalhou pela superfície da História, os ditos e feitos dos homens e mulheres já transbordaram, só restam as marcas deixadas pelo gume dos instantes em que tudo se deu, só tem a sua frente pequenas crostas, delgadas camadas de restos, delicados indícios, algumas nódoas, pequenas sujidades que servem de testemunho, de signos, que evocam a presença do que ali se passou, que pedem explicação, que convocam que um novo fluxo comece, o fluxo da narrativa, para que a cena, da qual só continuam existindo alguns destroços coagulados, possa ser compreendida, possa fazer sentido (JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque – 2009).

Nesse ínterim, torna-se necessário que se analise o passado sem preconceitos e que o historiador possa ter em mente questionamentos relevantes à fazer acerca desse passado, como por exemplo: o que o meu presente vê de possibilidade no estudo de um passado? Entrementes, quando lemos ou pesquisamos acerca das primeiras décadas da República brasileira nos defrontamos com algumas pertinentes indagações: Por que a República Velha já nasceu velha? Será que as rupturas entre o Império e a República no Brasil foram tão atenuadas, que podemos falar mais em continuidades? Como era constituído e organizado o poder militar nacional que derrubou o sistema político monárquico, mas findou passando tão pouco tempo no poder? O que foi produzido em âmbito popular, folhetos de cordel, que podem servir como representação desse período? Para refletir acerca desses questionamentos se faz necessário conduzir-se ao passado margeando a história da República Velha, para que assim haja possibilidades de buscarmos afirmações, análises e reflexões, no que já foi escrito tanto academicamente quanto na literatura de cordel acerca desse período em questão.

De início o que se pode dizer sobre a República Velha é que ela foi na realidade uma manobra para se manter o país no controle daqueles que eram o seu dono naquele presente momento: os cafeicultores do Oeste paulista e os fazendeiros de gado mineiros. Ela representa



o período que vai da Proclamação da República em novembro de 1889 até a explosão revolucionária de outubro de 1930. Em suma, ao lermos acerca da República Velha é possível perceber que ela representou a descoberta de uma fórmula política que poderia levar à emancipação econômica e moral do país, o exemplo da possibilidade de realização de um sonho das elites paulistas e mineiras.

Nesse ínterim, de mudanças no modelo político brasileiro, o Partido Republicano, formado por: Quintino Bocaiúva (civil), Benjamim Constant (militar), Silva Jardim, Rui Barbosa (civil) entre outros, fizeram uma grande campanha, baseada em idéias Republicanas, para acabar com a Monarquia. Havia uma euforia no ar e certo entusiasmo no Brasil do final do século XIX. Na última década do Império, por exemplo, ocorreu um expressivo aumento do número de indústrias. Em 1889, com a República, esse número subiu ainda mais. Os trabalhadores das indústrias e do comércio eram imigrantes europeus, principalmente italianos. Assim, o progresso se revelava como sinal de mudanças e prosperidades.

O autor, José Murilo de Carvalho, inicia o capítulo dois do seu livro *A Formação das Almas: O imaginário da República no Brasil*, chamando à atenção do leitor para a questão de que a Proclamação da República brasileira precisa ser enxergada como sendo construída por versões plurais, sendo melhor denominarem-se Proclamações. Quando problematiza “A Formação das Almas” durante o início da República brasileira, Carvalho trabalha acerca das diferentes Proclamações, ou seja, as diferentes construções históricas defendidas por cada grupo após o 15 de novembro de 1889. Assim, o autor se debruça na interpretação de Repúblicas, como: a República Militar de Deodoro, a República Sociocrática de Benjamin e a República liberal de Quintino Bocaiúva. Os *deodoristas*, por exemplo, concordavam que a sociedade brasileira da época era dominada por uma elite bacharelesca, desrespeitosa dos brios militares.

(...) Ele foi defendido principalmente por setores militares desvinculados da propaganda republicana. Os *deodoristas* eram, sobretudo, os oficiais superiores que tinham lutado na guerra contra o Paraguai. Eram os inúmeros parentes que cercavam o marechal, irmãos e sobrinhos. (...) Esse grupo não tinha visão elaborada de república, buscava apenas posição de maior prestígio e poder, a que julgava ter o exército direito após o esforço de guerra contra o Paraguai. A elite política imperial, apesar das muitas indicações de insatisfação militar, não abriu mão de seu civilismo, de sua crença na necessidade do predomínio da autoridade civil. (...) (CARVALHO, José Murilo de – 1990. pg.38 e 39).

Em relação à República Sociocrática de Benjamin Constant, pode-se denominá-los pelos seus ideais corporativistas. Essa corrente positivista era, é claro, contrária a um



militarismo exacerbado dos *deodoristas*, possuindo defensores que comungavam politicamente e ideologicamente, apoiando-se na questão de Benjamin Constant ter sido o responsável pela mudança de regime, de Império à República, como um modelo de revolução, de salvação da pátria. Nesse sentido José Murilo de Carvalho enfoca que:

(...) Era o catequista, o apóstolo, o evangelizador, o doutrinador, a cabeça pensante, o preceptor, o mestre, o ídolo da juventude militar. Benjamin não aparece em primeiro lugar como representante da classe militar, como vingador e salvador do Exército. Aparece como o professor, o teórico, o portador de uma visão da história, de um projeto de Brasil. (...) Os sociocráticos, ou positivistas, eram inimigos abertos da democracia representativa, para eles característica do estado metafísico da humanidade. Em seu lugar, deveria ser implantada a ditadura republicana, forma de governo inspirada tanto na tradição clássica romana como na figura do Danton dos tempos do Comitê de Salvação Pública da Revolução Francesa (...) (CARVALHO, José Murilo de – 1990, pg. 40 e 41).

Já em relação à Quintino Bocaiúva e os ideais de uma República Liberal, que objetivava ser democrática, é possível perceber que eram incompatíveis aos positivistas, configurando-se como seus grandes adversários ideológicos. Porém, esses liberais tinham uma certa afinidade com os *deodoristas*. Quintino Bocaiúva não era de nenhuma facção militar, mas era a favor da aliança com militares no intuito de implantar a República. Ele representou em 1889 a propaganda republicana.

(...) A decisão é dos históricos, é do chefe do partido Republicano; os militares são os instrumentos livremente aceitos para implementá-la. Quintino sugere que a própria questão Militar teria sido parte da tática republicana de agitar os quartéis contra o governo. (...) A afirmação do papel dos históricos era, portanto, importante para garantir a posição dos civis na Proclamação e a perspectiva liberal da República. Mas era impossível negar o aspecto militar do evento e o caráter inesperado de sua eclosão (...) (CARVALHO, José Murilo de – 1990, pg. 51).

Segundo o autor, como se pode observar, formaram-se diferentes versões oficiais da construção da República brasileira, destacando-se principalmente a dos atores presentes naquele dia, buscando-se sempre a necessidade que a nova república tinha de ter uma história oficial, um mito de origem, e conseqüentemente um herói. Ou seja, uma História que valorizasse um enredo pronto e acabado e que acima de tudo exaltasse um vencedor. Nesse ínterim, ele elucida que:

(...) Embora as raízes da República devam ser buscadas mais longe e mais fundo, o ato de sua instauração possui valor simbólico inegável. Deodoro, Benjamin Constant, Quintino Bocaiúva, Floriano Peixoto: não há inocência na briga pela delimitação do papel de cada uma dessas personagens. Por trás da luta, há disputa de poder e há visões distintas sobre a natureza da República (...) (CARVALHO, José Murilo de - 1990, pg.36).



Percebe-se, portanto, que o autor corrobora com a questão de que a construção da idéia de *proclamações* e *Repúblicas* não ocorreu com o objetivo de simples disputas de poder entre os participantes desse evento histórico, mas estava também embutido o conflito pela definição do novo regime. A análise da luta pelo mito fundador pode servir para esclarecer a natureza desse conflito.

Entretantes, diante desse contexto, nasce a Primeira República, também conhecida como República Velha (1889 à 1930) dividida em duas faces: República da Espada (ou República Militar – 1889 à 1894) e a República Oligárquica (ou República do café-com-leite: paulistas e mineiros controlando o país - 1894 à 1930).

Deodoro da Fonseca é o primeiro presidente do Brasil e Rui Barbosa foi o seu Ministro da Fazenda. Deodoro da Fonseca deveria ficar no poder até 1894, porém devido às fortes pressões, renunciou e deixou para o seu vice, Floriano Peixoto (1891 – 1894). Floriano, também conhecido como presidente mão-de-ferro estabeleceu um governo populista: Diminuiu os preços dos alimentos e diminuiu os preços dos impostos. Ele Enfrentou diversas revoltas, como: A Revolução Federalista – RS (1893) e a Segunda Revolta da Armada (1893), além da Guerra de Canudos no Norte da Bahia.

Corolariamente, tem-se início, então, a República Oligárquica (República do café-com-leite), ou seja, os fazendeiros paulista e mineiros se revezavam no poder. E se a oposição de alguma maneira estivesse forte, para ganhar as eleições, as mesmas eram fraudadas, e sempre o candidato do governo ganhava. Defuntos votavam, assinaturas eram falsificadas, os títulos não tinham a foto do eleitor. As eleições eram diretas, porém para poucos. Sempre haviam trapanças em prol do governo. Na Republica Oligárquica apenas 3% dos brasileiros eram eleitores, votavam. Só votava quem tivesse mais de 25 anos de idade, do sexo masculino e alfabetizado. Nesse período (1894-1930) onze presidentes se revezaram no poder, em sua maioria paulistas. Outro ponto pertinente nesse contexto é que durante o período da Política do Café-com-leite houveram muitas revoltas, como: A Guerra de Canudos, A Questão do Coronelismo, O Cangaço, A Guerra do Contestado, A Revolta Contra a Vacina Obrigatória, A Revolta da Chibata, As Revoltas Tenentistas.

Até a década de 1920, os artistas nacionais tinham como modelo a arte francesa, que era bem ao gosto das elites brasileiras. Mas a influência das vanguardas européias foi decisiva na trajetória de um grupo de artistas e intelectuais, que viviam em São Paulo e no Rio de Janeiro. Os escritores Mário de Andrade e Oswald de Andrade, o pintor Emiliano di Cavalcanti, o músico Heitor Vila-Lobos, entre outros, começam a repensar a cultura nacional



e revisitar as suas raízes culturais. Contudo, o marco desse movimento renovador foi a Semana de Arte Moderna, realizada em São Paulo em fevereiro de 1922.

Percebe-se que durante a República Velha o Brasil passou por diversas mudanças relevantes em seu cotidiano e em suas mentalidades. Todavia, ao trabalhar com o Cordel como representação desse recorte temporal, acredito que ele pode falar mais forte do que um texto conceitual e familiarizar os alunos e leitores com a História de nosso país por meio dessa linguagem lúdica. O ensino de História precisa ser construído em sala de aula, sendo preciso para isso desenvolver o exercício da reflexão, da criatividade e da criticidade. Objetivando-se auxiliar o sujeito a organizar seu pensamento, analisar, justificar suas respostas e expressar-se, promovendo a independência, a autonomia e a cooperação no mesmo, aproveitando para isso, das várias facetas que o Cordel apresenta:

Encontramos na Literatura de Cordel uma variedade de temas, situações humanas, tragédias, comédias, casos inusitados e relatos históricos, imaginários e tantas coisas mais. Essa riqueza de abordagens assume tons diferenciados, visões de mundos às vezes conflitantes, ideologias diversas. Essa diversidade pode ser aproveitada para instigar debates e discussões. Qualquer que seja o método de abordagem do educador, o debate em algum momento deverá ser sempre privilegiado, conscientizando o aluno de seu papel de herdeiro da cultura de seu povo e de agente transformador dessa cultura. (PINHEIRO; LÚCIO, 2001).

Assim, torna-se de fundamental importância considerar o poder de criação e de interpretação dos alunos, pois eles precisam descobrir uma História em que eles sejam sujeitos ativos, para que eles possam trazer em suas memórias o prazer e a confiança pela disciplina. E para isso a imagem, a literatura (poesia, cordel), o teatro, o RPG, a música, são exemplos de linguagens, que ao serem usadas pelos docentes, construirão um diálogo muito proveitoso e eficiente com os educandos, tratando-se a História com leveza.

Corolariamente, a partir de inúmeras possibilidades de se transitar na História, da interdisciplinaridade e da diversificação dos documentos, esse projeto se apóia na Nova História Cultural. A metodologia que será utilizada terá como ponto de partida os estudos e as discussões historiográficas em relação ao presente tema e período histórico em questão. A pesquisa vem sendo realizada em bibliotecas públicas (livros, monografias, dissertações) e também pela Internet (artigos e sites específicos).

Serão analisados folhetos de cordéis e alguns livros didáticos que tratem da temática em questão, objetivando-se perceber as representações da República Velha tanto nos cordéis produzidos na época, como também as representações trabalhadas pelos didáticos acerca desse período, e conseqüentemente trataremos de cruzar as devidas informações com a



produção acadêmica existente. A literatura de cordel servirá como um instrumento lúdico para viabilizar esse processo de diálogo entre o passado e o presente. É relevante perceber que os folhetos de cordéis se apresentam como leituras dinâmicas e envolventes. E sua diversidade pode ser aproveitada em sala de aula, com o objetivo de construir conhecimento. E é nessa perspectiva, apresentando-se como ferramenta didática, que a presente pesquisa: *As Representações da República Velha na Cultura Popular e no Livro Didático*, inserida numa pesquisa maior - *A República Velha em Cordel: O uso de uma linguagem lúdica na aula de história*, se propõe a trabalhar.

(...) O poeta de cordel não trata apenas de descrever a realidade de maneira artística e satisfatória; ele tem, ao mesmo tempo, que fornecer informações frescas e agradar. Os folhetos tornam públicos acontecimentos sensacionais, traduzem as notícias da imprensa da capital para a linguagem do habitante do sertão, e as interpretam como o público gostaria de ouvi-las, mudando-as muitas vezes e dando-lhes novas funções e significados. (...) Devemos analisar os fatos históricos não somente a partir das versões oficiais, da fala dos políticos e jornais tendenciosos, mas também através das representações dadas pelos poetas de cordel, através dos folhetos, que mostram outras visões de momentos históricos vivenciados e testemunhados por eles. (GRILLO, Maria Ângela de Faria – 2003. pg. 118 e 119).

O professor precisa despertar no aluno o gosto e o prazer da construção do conhecimento, considerando as particularidades (virtudes, defeitos e dificuldades) desse discente. Os docentes precisam usar possibilidades possíveis para levar o aluno a aprender. Ir para além dos livros didáticos da disciplina de História torna-se uma opção para que se obtenha dos alunos um novo posicionamento na construção do saber escolar, e assim, eles poderão despertar para novas visões de mundo.

Despertar o gosto pela produção de conhecimento, ao invés de só se preocupar com o conteúdo, se torna possível a partir de um planejamento pedagógico estabelecido na prática educativa do professor (a). O espaço escolar possui uma vasta diversidade cultural, e a partir daí o ensino precisa ser moldado a cada indivíduo, considerando as devidas particularidades (SANTOS, Salvadora Passos de Araújo - 2002).

Para uma boa parcela dos professores brasileiros, o livro didático se apresenta como uma insubstituível muleta. E sem ele não se caminha cognitivamente. O livro didático é uma tradição tão forte dentro da educação no Brasil que seu acolhimento independe da vontade dos professores. Assim, a perda da dignidade do professor brasileiro contrapõe-se ao lucro das editoras de livros didáticos. Os alunos ao invés de interagirem com o professor processam as lições no livro didático (SILVA, 1996).



Linguagens que procuram relacionar o lúdico (nesse caso o Cordel) a abordagens históricas vêm conquistando uma expressiva relevância no campo do Ensino de História. Ao que parece, a Literatura de Cordel entrou de forma decisiva no campo de reflexão dos historiadores da Nova História Cultural. Essa corrente historiográfica tem como uma de suas características uma teoria interpretativa de textos em que os historiadores têm procurado estabelecer conexões entre as dimensões sociais presentes na obra ficcional e os aspectos históricos inerentes.

A Nova História Cultural prega que a narrativa faz da História motivo de representação e tema de reescrita, valorizando o seu poder de sedução. A natureza e a legitimidade do conhecimento histórico, então, podem ser questionadas por uma rica fonte de pesquisa histórica, os folhetos de Cordel. Que se revelam organizador da História, através da ficção e do humor, refletindo sobre o próprio desenvolvimento da narrativa.

Autor cuja versatilidade permite explorar assuntos tão diversos quanto a historiografia literária e a sociabilidade do século XVIII, a história cultural e a literatura de cordel, as formas de discurso escrito e o mundo da computação, Roger Chartier tem-se destacado no cenário acadêmico como um dos mais importantes pensadores da atualidade, dedicando-se, sobretudo, ao instigante universo das práticas de leitura. Ele trata da questão da leitura sob uma perspectiva genérica, isto é, enquanto prática capaz de determinar a própria conformação do texto escrito. Chartier promove uma verdadeira revisão tanto dos conceitos relacionados à escrita e à leitura quanto de idéias pertinentes à estética e à crítica.

Dizer isto não é reduzir os debates intelectuais à mera condição de aparentes confrontos de poder (entre escolas, entre disciplinas ou entre tradições nacionais), nem pensar que tal análise permite, a quem a faz, escapar às determinações do campo em que se encontra. Trata-se de outra coisa, que é o dever de pensar as divergências surgidas no nosso mundo acadêmico ou as evoluções das disciplinas que são as nossas, situando-as no espaço social que é o seu. A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. (CHARTIER, Roger – 1990).

Consequentemente, Chartier (2002) nos diz que sempre haverá um público interessado nos acontecimentos através do manto da fantasia e da ficção literária, que torna os eventos passados acessíveis e as personagens e figuras históricas extremamente humanas na sua condição de heróis, homens ou agentes do processo histórico. A narrativa de cunho historiográfico continua cativando na contemporaneidade uma parcela considerável de leitores.





É pertinente deixar claro que o presente projeto de pesquisa encontra-se ainda em sua fase inicial, haja vista ser financiado pelo PIBIC/UFRPE e ter sido aprovado há apenas três meses. Corolariamente, através da concretização dessa pesquisa esperamos compreender as relações de rupturas e permanências do pensamento social, político, cotidiano e cultural do período histórico da República Velha com o atual contexto da República de nosso país.

Outro ponto relevante é o da divulgação dessa pesquisa, que será através de promoção da interdisciplinaridade entre a linguagem lúdica do Cordel e a História; elaboração de folhetos de cordel, assim como uso de obras já existentes relacionadas ao período da República Velha; confecção de *Banner* e *Slides de Power Point* para apresentação em eventos científicos: locais, regionais e nacionais.

É importante deixar registrado aqui também que a professora doutora Maria Ângela de Faria de Grillo, a orientadora dessa presente pesquisa, vem sendo muito importante para o desenvolvimento dessa temática, porque além de conseguir me estimular e aguçar a minha curiosidade sobre a temática em questão, me orienta na indicação de leituras que muito me ajudam no desenvolvimento dessa pesquisa.

Contudo, é de fundamental importância que fique claro que as problematizações e discussões contidas no presente artigo não põem um ponto final nos diálogos sobre o contexto que envolveu os quarenta e um anos da República Velha, todavia o objetivo principal foi de contribuir um pouco mais para uma reflexão e entendimento acerca do assunto.

## Referências

ARRUDA, José Jobson. **Do fim do século XIX aos dias de hoje**. 3ª edição. São Paulo: Ed. Ática, 1997.

BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2008.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CARVALHO, José Murilo de. **A Formação das Almas: O imaginário da República no Brasil**. 11ª reimpressão. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi**. 3ª Edição. São Paulo, Companhia das Letras, 1999.

CHARTIER, Roger. **Os Desafios da Escrita**. São Paulo: UNESP, 2002.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.



## IV Colóquio de História

*Abordagens Interdisciplinares sobre História da Sexualidade  
de 16 a 19 de novembro de 2010 - UNICAP*

GRILLO, Maria Ângela de Faria. *A literatura de Cordel na Sala de Aula*. In: ABREU, Martha e SOIHET, Rachel (orgs.). **Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. **Chorar ou sorrir pelo leite derramado?: Ética, estética e política na narrativa historiográfica**. Artigo publicado na ANPUH Nacional: Fortaleza, 2009.

MORAES, José Geraldo V. **Cidade e Cultura Urbana na Primeira República**. São Paulo: Ed. Atual, 1994. (Coleção discutindo a História do Brasil)

PINHEIRO, Hélder; LÚCIO, Ana Cristina Marinho. **Cordel na sala de aula**. São Paulo: Editora - Livraria Duas Cidades, 2001.

SANTOS, Salvadora Passos de Araújo. **Oficina de Eco-Leitura: II Encontro Temático Meio Ambiente e Educação Ambiental**. Paraíba, 2002.

SILVA, Ezequiel T. da. **Livro didático: do ritual de passagem à ultrapassagem**. Brasília: Unicamp, 1996.

SOUZA, Iara Lis Schiavinatto Carvalho. **A República do Progresso**. São Paulo: Ed. Atual, 1994. (Coleção a vida no tempo).